

## **A CRISE INTERNA DO PCB VISTA PELAS CHARGES POLÍTICAS**

Alberto Gawryszewski - UEL

O relatório de Krushev, apresentado no XX congresso do PCUS, em 1956, teve repercussões internacionais, afetando as relações políticas entre as direções dos PCs e os seus militantes. No Brasil tal situação não foi diferente e muitos militantes começaram a contestar o prestígio e apontar a adoção da direção coletiva para o PCB como uma solução democrática para o partido. Assim, começou um amplo debate na imprensa comunista. No dia 24 de novembro foi publicada a carta que Luiz Carlos Prestes enviou ao Comitê Central (CC) do PCB sobre os debates políticos. Esta missiva ficou conhecida no meio dos militantes como “carta rolha”. Os três princípios que deveriam normatizar os debates seriam: 1) não criticar a URSS nem o PCUS; 2) não criticar os dogmas doutrinários do marxismo-leninismo; 3) impedir que circulassem idéias do inimigo no seio do partido. Um comitê de censura foi criado para manter o debate dentro da “bitola prestista”. Essa proposta de controle não surgiu o efeito desejado, ampliando ainda mais o debate, com a publicação de artigos contra os dogmas do stalinismo. A charge política não poderia ficar de fora.

Encontramos sete charges políticas referentes ao debate, todas de autoria de artistas estrangeiros, que mostraram seus trabalhos em publicações de órgãos oficiais comunistas (PCI e PSUA). Apesar dos intensos debates que se realizavam na imprensa comunista brasileira, inclusive com a participação dos intelectuais do PCB, nenhum artista pátrio realizou ou ousou crítica tão direta ao CC. Ou quem sabe, a censura partidária neste caso tenha funcionado bem. Pelo pequeno espaço disponível, vamos apresentar apenas cinco das charges políticas encontradas.

O debate começou no Voz Operária, em 06 de outubro de 1956, e quatro números depois - um após da publicação do Projeto de Resolução do CC - encontramos a primeira imagem satírica. Esta foi desenhado por Eugene Taru, uma artista romeno, constante nas páginas dos periódicos comunistas, e retirada de uma revista do PCI para a

edição do Voz Operária<sup>1</sup>. Nela vemos um dirigente (italiano, brasileiro ou soviético?) na forma de um pavão. Este animal tem um rabo vistoso e o utiliza para se exibir, parece representar uma auto-suficiência, superioridade e orgulho. Ele está fugindo de uma tesoura



que está querendo cortar seu rabo. Este instrumento que é geralmente associado a censura, aqui representava o oposto, ou seja, ela representava a crítica que vem da maioria e buscava desbancar a auto-suficiência, arrogância, desprezo e a majestade do pavão. Acompanhava a charge o título (“Não adianta correr...”) onde o artigo deixava claro que cabia ao dirigente parar de correr e enfrentar as críticas que caem sobre ele, pois elas eram mais fortes e corriam mais, daí alcançá-lo.

O militante que vinha acompanhando os acalorados debates, facilmente entenderia a charge acima. Ele é cômica, sagaz, ácida e direta. Logicamente é cômica para quem defende o debate, pois provavelmente os dirigentes do PCB não sorriram ao ver tal imagem. Esta, entretanto, não está isolada. O redator escolheu colocá-la na página cujo tema é “Uma discussão que reflita os problemas atuais”, estava cercada de dois artigos, um de Simão Gorender (“Algumas questões do movimento juvenil”) e outro de Armando Lopes da Cunha (“O programa e os caminhos de desenvolvimento do Brasil”). Simão começou seu artigo criticando o atraso de oito meses para o início dos debates. Criticou duramente o CR do Rio e pergunta: Por quê, então, não se lançar à discussão com toda paixão, se é justamente a falta de discussão o pior entrave que impede uma justa solução para os nossos problemas? Até aquele momento qualquer tentativa de debate era considerado heresia, a disciplina partidária era apresentada como razão para impedir discussão. “Disso resultou a formação de pretensos super-homens, em quase todos os escalões, que se colocavam como ‘donatários’ para fazer prevalecer a ferro e fogo as diretrizes ‘baixadas’ e outra não foi nossa função senão – como na bíblia – pregar dogmas e mandamentos”.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Voz Operária, 27/10/56 P.05.

<sup>2</sup> GORENDER, Simão - “Algumas questões do movimento juvenil”. In: Voz Operária, 27/10/56 P.05

Armando partiu para a crítica do Programa do PCB, considerado irreal e com vários erros. Tratava-se de uma crítica às análises do CC, em especial, sobre a realidade brasileira e os métodos de ação. Portanto, ambos os autores criticavam o autoritarismo, as verdades absolutas, os dogmas e defendiam um amplo debate. A charge política sintetiza a questão, reforçando os textos com humor.



A segunda charge política, de autor desconhecido, publicada no número seguinte do Voz Operária, também na página “Uma discussão que reflita os problemas atuais”, foi retirada do semanário “Voce Comunista”, da Federação Milanese do PCI e reproduzida pelo L’Unitá, de Roma.<sup>3</sup> Vemos que compõem a charge um título, a imagem, diálogos empolgantes entre a massa militante e simpatizantes do

PC. Paralelamente ao debate intenso temos os membros do CC pensando, pensando, estudando e estudando de que modo se devia suscitar o debate. Os pontos de vistas já estão sendo apresentados em via pública, democraticamente demonstrando que não se podia adiar mais um debate, nem esperar pela posição dos dirigentes. Igualmente à anterior, esta é cômica, ácida, demolidora e direta.

Acompanhava a charge quatro artigos: de Roberto Morena (“Algumas opiniões sobre o programa e a tática”), de Maurício Pinto Ferreira (“Reavaliações que se impõe”), de Aydano do Couto Ferraz (“Um importante aspecto do debate”) e de Quintino de Carvalho (“O Partido não é tudo”). Maurício Ferreira criticou o Projeto de Resolução do CC, considerando-o superficial, fugindo dos debates desejados por todos e não fazendo qualquer referência a estrutura orgânica obsoleta do Partido. Desejava um PCB que não fosse mais a imagem do PCUS, que o levava a táticas errôneas e a um subjetivismo nas análises, e isto o levou a negação do papel histórico da massa brasileira: “(...) Já não satisfaz a ninguém explicar-se o papel do PC, como o de ‘vanguarda da classe operária e do

povo', Isto se aprende nos livro, mas a vida, teimosa como ela é, nos impõe s distinção entre a nossa vontade e a dura realidade".<sup>4</sup>

Roberto Morena, "glória do movimento comunista mundial"<sup>5</sup>, em seu artigo seguiu as linhas traçadas por Maurício Ferreira, afirmando que os comunistas estavam habituados aos manuais e compêndios na busca de fórmulas, soluções sob medida, sem qualquer noção de espaço e tempo. Por isso as táticas e análises, em especial as contidas no Programa, fugia à realidade brasileira, levando a que o PCB tomasse medidas políticas errôneas. Afirmou que também no Brasil se desenvolveu o culto à personalidade: o prestismo (culto a Prestes). Depositava-se a salvação do país e do povo nas mãos de uma pessoa e não na organização das massas e na luta coletiva.<sup>6</sup>

Quintino de Carvalho fez duríssimas críticas ao Estado burocrático na URSS, ao PCUS, ao estatuto, ao Projeto de Resolução e ao CC do PCB. Suas palavras merecem ser citadas: "(...)De servidor, o Partido converte-se em senhor do povo. Não confia nas massas, teme dar livre curso à sua iniciativa criadora, à sua participação direta na solução de seus próprios problemas. Arroga-se o direito de agir e pensar pelas massas, de guiá-las pelo cabresto, de pastoreá-las. Exagera sua missão, seu papel na sociedade – Transferindo-se para si – i e', a um grupo de indivíduos, ou aos dirigentes desse grupo centralizado – o papel das massas. Não será cair em posições idealistas, negar o marxismo?"<sup>7</sup>

Por fim o redator do Voz Operária também deu seu recado: defendeu a liberdade de opinião dos jornalistas criticando a antiga imprensa comunista. Afirmou: "O ponto de vista de que os jornalistas e escritores comunistas conhecidos, quando escreviam o faziam como porta-vozes da direção do Partido, demonstrando ser profundamente esterilizante e, no final das contas, uma ação dissimuladamente esgrimida para castrar a

---

3 Voz Operária, 03/11/56 Pp.6/11.

4 FERREIRA, Maurício - "Reavaliações que se impõe", In: Voz Operária, 03/11/56 P.11.

5 BENÉVOLO, Hélio – Op. Cit., P. 134.

6 MORENA, Roberto – "Algumas opiniões sobre o programa e a tática", In: Voz Operária, 03/12/56. Pp. 06/7.

7 CARVALHO, Quintino - "O Partido não é tudo", In: Voz Operária, 03/12/56. P. 07.

iniciativa dos intelectuais comunistas ao invés de desenvolvê-la(...).”<sup>8</sup> A charge política que acompanhou os textos, sem dúvida, foi escolhida a dedo, como todas, como vimos e veremos.

Após uma ausência de imagens por três números, na separata de dezembro do “Boletim de Debate”, composto por quatro páginas, vamos reencontrá-las. Nesta separata foram agregadas três imagens, todas retiradas do “Freie Welt”, do P.S.U.A., revista do PC da Alemanha Oriental (RDA), em um total de sete textos. Vamos analisá-la a partir de agora.

Ao lado vemos a primeira charge política publicada.<sup>9</sup> Não possui título, mas



— Escute aqui, camarada Meyer. Se você, na reunião de hoje, não criticar severamente o meu temperamento despótico, será posto no alho da rua. [Da revista “Freie Welt”, do P.S.U.A.]

possui diálogo entre os personagens. O líder, mais forte, superior, com um ar de maldade impõe ao seu camarada – menor e mais frágil – uma posição “livre”, ou seja, deveria o companheiro Meyer (nome que corresponde ao nosso Zé, João ou Silva) criticar severamente o temperamento despótico de seu líder,

ou poderia receber as conseqüências, isto é, seria colocado no olho da rua (ou seria expulso do partido?). Percebe-se que a mesma contém as características das imagens italianas anteriores: direta, crítica, eloqüente, feroz e cômica (do ponto de vista de quem critica, é claro!)

A charge ilustrou dois textos bastante sintomáticos: de Carlos Rogério Garcia (“O culto da personalidade na URSS e no Brasil”) e de Rui Facó (“Os debates e o papel da ‘Voz Operária’ ”). Carlos R. Garcia acreditava que o culto da personalidade, que ocorreu na URSS, foi devido às reminiscências pequeno-burguesas dentro do Partido, que após o XX Congresso estaria sendo resolvido. No caso do Brasil afirmava que não se deveria apenas copiar as fórmulas e análises da URSS, devia-se fazer um estudo baseado na ciência marxista. Reafirmava sua confiança no Partido e no camarada Prestes. “Precisamos antes

8 FERRAZ, Aydano do Couto, - “Um importante aspecto do debate”, In: Voz Operária, 03/12/56. Pp. 6/7.

9 Voz Operária, 22/12/1956. P. 13.

de mais nada, preocuparmo-nos em garantir a unidade de nosso partido e sua pureza ideológica, com a intransigente centralização democrática e absoluta submissão da minoria à maioria, pois constituímos o agrupamento voluntário e disciplinado(...)”.<sup>10</sup>

O segundo texto foi escrito por um membro da Comissão de Massas do CC, um ortodoxo do Partido, membro que se posicionava contrário a quebra da hierarquia e possivelmente contra o debate, apesar de afirmar neste artigo que se regozijava com o Voz Operária por ter aberto o debate. Rui Facó, entretanto, estranhou o fato do Voz Operária silenciar-se – pelo menos até o dia 10 de novembro – sem dar nenhuma resposta imediata a concepções e pontos de vistas, segundo sua concepção, contrários a doutrina marxista. Pretendeu, assim, com este artigo cumprir parte desta função, pois rebateu o artigo de Maurício Pinto Ferreira, já visto, que acusava conter afirmações inteiramente falsas, além de conceitos errôneos. Colocou o PCB novamente como vanguarda e temeu pela confusão que poderia gerar as explanações teoricamente erradas. Daí concluiu, como membro atento, vigilante, que protege as cabeças frágeis, que tem as respostas e os conceitos registrados em sua mente: “Por isso, minha opinião é que, por mais amplo que seja o debate ora travado, é **nosso dever** estarmos atentos, vigilantes, às falsidades e conceitos errôneos, que se podem, com o nosso silêncio, causar graves danos ao nosso Partido e levar a confusão a muitas cabeças”.<sup>11</sup> (Grifo nosso) Seria o debate um engodo? Mereceria uma censura prévia? Aqui lembramos que para o Partido a imprensa comunista foi criada para guiar, orientar, esclarecer as cabeças das massas e não gerar conflitos.

A charge política deste parágrafo estava localizada bem abaixo da nota do Comitê Regional Oeste Paulista, que já fora publicada na edição de 15/12/1956 do Voz Operária. Nesta apresentava críticas contundentes ao CC pela demora nos debates e do conteúdo da Resolução, que considerava difícil de ser entendido, bem como defendeu a revisão das expulsões, a aplicação dos estatutos do PCB quanto às reuniões, incentivo e

---

10 GARCIA, Carlos Roberto - “O culto da personalidade na URSS e no Brasil” In: Voz Operária, 22/12/1956. Suplemento especial. P.1.

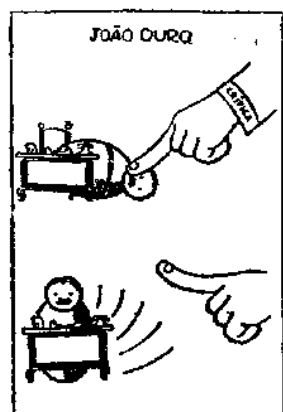
11 FACÓ, Rui - “Os debates e o papel da ‘Voz Operária’”, In: Voz Operária, 22/12/1956. Suplemento especial P.1.



estímulo a atividade artística e cultural dos seus intelectuais, entre outras coisas.<sup>12</sup> Na realidade não havia outro espaço nesta página onde pudesse encaixar tal charge sem cair em contradição. Ela possui título e uma fala do personagem. Era o fim do culto à personalidade e a partir daquele momento, o feliz militante, poderia usar a sua própria cabeça, poderia pensar e fazer suas próprias análises, sem dogmatismos,

sectarismo, doutrinarismo, “pratos feitos”, ou ordens superiores. Note-se que a cabeça, feliz, era guardada a chave, mas não sabemos para a segurança de quem.

A charge política final ilustrava o artigo de Rui Facó que, como o próprio título



indica (“O nacionalismo burguês está em muitas cabeças”), buscava identificar os valores burgueses em muitas cabeças (aquelas que tiveram coragem de fazer uma análise diferenciada da sua e do CC).<sup>13</sup> Seguindo as idéias do artigo anterior, disse: “(...) o início dos debates que vimos travando, com tudo o que teve de negativo, foi útil no sentido de alertar para um combate mais firme e incessante à ideologia burguesa em nossa fileiras.” Concordava com as análises que afirmavam que tinha havido avanços

econômicos no Brasil, nas alertou que isto apenas reforçava a burguesia brasileira como classe, aumentando sua influência sobre a pequena-burguesia, daí ser necessário a existência de um partido da classe operária forte ideologicamente, para impedir a penetração desta ideologia em suas fileiras. “Não basta melhorias sociais imediatas, mas a liberdade da classe operária: Não somos reformistas, mas revolucionários.” Criticou o Comitê Regional do Ceará que havia feito crítica severas ao CC. Mas isto foi corrigido, uma vez que não só renegou estas críticas, como ele pediu apoio ao CC. Estrategicamente a Redação colocou o artigo de Facó ao lado do novo informe do CR do Ceará. Depois criticou

12 Retirada de Voz Operária, 09/02/1957 P.08.

13 Retirada de Voz Operária, 09/02/1957 p.09.

a redação do Voz Operária, que “(...) se deixou arrastar neste começo de enxurrada de nacionalismo burguês”. Como no artigo anterior, falou da necessidade do Partido e de seus membros se manterem vigilantes para evitar tais desvios. Por fim, deixou entrever as mudanças que [não] estavam por vir.”(...)Só assim poderá tornar realidade uma poderosa frente única de todos os patriotas pela libertação nacional, contra o imperialismo norte-americano, pelo progresso do Brasil e o bem-estar de seu povo”.<sup>14</sup>

Podemos considerar que dentro do espaço do jornal partidário, como é o caso do Voz Operária e do Imprensa Popular, a imagem, a charge e a caricatura políticas podem ter uma importância muito grande na divulgação de um ideário, de uma contestação, na formação da opinião dos leitores. Recheado de notícias que seguiam a linha do CC do PCB, ao editor “rebelde” coube um pequeno espaço para introduzir sua visão política do processo em curso. Primeiro, repetiu uma nota de um Comitê que contestava o CC., reforçando sua mensagem com uma charge política crítica; segundo, dentro de um artigo de um comunista tradicional, que se aliava aos “fechadistas”, ousou colocar uma charge política demolidora, destruidora do autor, chamando-o, como todos os seus aliados, de “João Duro”. Esta charge, com tal título sugestivo, é cômica, atingindo diretamente ao João Duro (ou seja, Facó e Cia). Por mais que a crítica se apresentasse, o CC não mudava de posição, ou melhor, até mudava, mas era só a crítica para que lá estava ele no velho lugar. Afinal, era “João Duro” ou “João Bobo”?

Depois de tudo isso, o CC não tardou a tomar uma posição. O jornal Imprensa Popular foi invadido e redatores e jornalistas impedidos de trabalhar. No caso do Voz Operária ocorreu a mudança do redator, assumindo o sr. Mário Alves, elemento de confiança do Comitê Central. As contestações foram desaparecendo e as charges políticas que criticavam o CC ou que possibilitassem qualquer riso não autorizado não mais foram publicadas. Só restaram aquelas, que como disse o camarada Rui Facó, ajudassem na libertação nacional, contra o imperialismo norte-americano, amante da guerra e do colonialismo.

---

14 FACÓ, Rui - “O nacionalismo burguês está em muitas cabeças”, In : Voz Operária, 09/02/1957.p09.